

SITUAÇÃO AINDA É DELICADA

Liana Verdini
Da equipe do Correio

Foi preciso muito esforço para evitar que o mercado financeiro demonstrasse todo o pessimismo dos investidores logo depois do anúncio das mudanças na presidência do Banco Central (BC) e no câmbio. Mas o governo conseguiu. As fortes atuações do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e do próprio BC evitaram o desastre previsto ontem por todo economista e operador.

As ações caíram, os juros subiram, o dólar e o ouro dispararam. Nada, porém, que lembrasse as projeções divulgadas no mercado. Um exemplo: a expectativa era de uma fuga de dólares do Brasil entre US\$ 2 bilhões e US\$ 4 bilhões. Até as 20h, o mercado tinha informações de que a saída líquida de dólares ontem foi de US\$ 1,056 bilhão; ao mesmo tempo o BC divulgava nota informando que a fuga chegou a apenas US\$ 700 milhões. Pelos cálculos do mercado, o País já registra perda de mais de US\$ 3 bilhões em reservas internacionais este mês.

Mas a unanimidade no país é de que o Banco Central escolheu mal o momento para promover uma mudança dessa importância no câmbio. "O novo formato da política cambial é competente", avaliou o ex-ministro da Fazenda e economista Mailson da Nóbrega. "As expectativas sobre o Brasil eram muito negativas, o presidente do Banco Central estava saindo e na véspera o País registrou a saída de US\$ 1 bilhão."

"É como se o governo estivesse

apostando tudo ou nada", disse Mailson. "O risco que se corre agora é de essa política fracassar. Teremos, então, a volta da inflação e um descontrole geral na economia, como aconteceu com o México em 1994. Ou o governo tem informações que o mercado não sabe, e a situação é muito pior do que se imagina, ou avaliou muito mal o momento para promover essa mudança", concluiu o economista.

AJUSTE

Para o ex-ministro da Economia Marcílio Marques Moreira, o Brasil está passando por uma situação delicada. "Não há dúvidas de que agora é indispensável a votação das medidas anunciadas no pacote fiscal e de se ir além, como votar a contribuição dos inativos, assim como o aumento da contribuição do funcionalismo público, tanto federal quanto estadual." Marcílio assegura que a comunidade financeira internacional quer saber se o Brasil tem condições de sustentar o teto da nova banda cambial, de R\$ 1,32; se o nível de reservas é suficiente para sustentar esse teto; se o FMI apóia as medidas e, principalmente, o que os congressistas pensam sobre o assunto.

Pelos cálculos da economista e deputada Maria da Conceição Tavares (PT-RJ), o governo perdeu R\$ 7,1 bilhões com a desvalorização cambial ocorrida ontem em consequência da mudança do regime cambial. Este valor, segundo Conceição, é quase o dobro do que se espera arrecadar com as mudanças tributárias promovidas pela Medida Provisória nº 1.788, aprovada ontem pelo Congresso, que aumenta a tributação das empresas.

Mas certeza mesmo sobre o que deve acontecer com a economia brasileira só dentro de 15 dias, na estimativa do economista Carlos Geraldo Langoni, ex-presidente do Banco Central e hoje diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Segundo ele, se as taxas de juros subirem no mercado futuro nos próximos dias, significará que o mercado considerou insuficiente o ajuste cambial feito. Na prática, o governo terá fracassado.

Há, no entanto, quem esteja avaliando de forma positiva a decisão de mexer no câmbio. Para o presidente da Associação Brasileira de Comércio Exterior (AEB), Marcus Vinícius Pratini de Moraes, a mudança permitirá o ajuste mais acelerado da taxa de câmbio, antigamente reivindicação dos exportadores. "O resultado pode ser a melhora do resultado da balança comercial, com mais exportações e menos importações", disse.

Houve quem considerasse tímidas as mudanças, como o vice-presidente da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funex), Roberto Gianetti da Fonseca. "A mudança deveria ter sido mais audaciosa até para manter a situação sob controle", disse. Gianetti acredita que o governo deveria ter ampliado ainda mais o intervalo de flutuação do real com relação ao dólar e deixado o mercado influenciar as taxas.

Apesar do momento ruim, o economista Lauro Vieira de Faria, do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da FGV-RJ, disse que o ajuste cambial era "inevitável", mas teria sido melhor que tivesse sido feito depois da aprovação do ajuste fiscal.